

Álvaro de Campos

**Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras,**

Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras,  
Acordar da rua do Ouro  
Acordar do Rossio, às portas dos cafés,  
Acordar  
E no meio de tudo a gare, a gare que nunca dorme  
Como um coração que tem que pulsar através da vigília e do sono.

Toda a manhã que raia, raia sempre no mesmo lugar,  
Não há manhãs sobre cidades, ou manhãs sobre o campo

À hora em que o dia raia, em que a luz estremece a erguer-se  
Todos os lugares são o mesmo lugar, todas as terras são a mesma,  
E é eterna e de todos os lugares a frescura que sobe por tudo  
E (...)

Uma espiritualidade feita com a nossa própria carne.  
Um alívio de viver de que o nosso corpo partilha,  
Um entusiasmo por o dia que vai vir, uma alegria por o que pode  
acontecer de bom,  
São os sentimentos que nascem de estar olhando para a madrugada,  
Seja ela a leve senhora dos cumes dos montes,  
Seja ela a invasora lenta das ruas das cidades que vão leste-oeste,  
Seja (...)

A mulher que chora baixinho  
Entre o ruído da multidão em vivas...  
O vendedor de ruas, que tem um pregão esquisito,  
Cheio de individualidade para quem repara...  
O arcanjo isolado, escultura numa catedral,  
Syringe fugindo aos braços estendidos de Pã,  
Tudo isto tende para o mesmo centro,

Busca encontrar-se e fundir-se  
Na minha alma.

Eu adoro todas as coisas  
E o meu coração é um albergue aberto toda a noite.  
Tenho pela vida um interesse ávido  
Que busca compreendê-la sentindo-a muito.  
Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo,  
Aos homens e às pedras, às almas e às máquinas.  
Para aumentar com isso a minha personalidade.  
Pertença a tudo para pertencer cada vez mais a mim próprio  
E a minha ambição era trazer o universo ao colo  
Como uma criança a quem a ama beija.

Eu amo todas as coisas, umas mais do que as outras —  
Não nenhuma mais do que outra, mas sempre mais as que estou vendo  
Do que as que vi ou verei.  
Nada para mim é tão belo como o movimento e as sensações.  
A vida é uma grande feira e tudo são barracas e saltimbancos.  
Penso nisto, enterno-me mas não sossego nunca.

Dá-me lírios, lírios  
E rosas também.

s. d.

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 10.

1ª versão: Poesias de Álvaro de Campos . Fernando Pessoa. (Nota editorial e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1944.